

BRASIL E ESTADOS UNIDOS: NAÇÃO IMAGINADA

Melissa de Mello Souza

Texto copilado do livro Brasil e Estados Unidos: Nação Imaginada

O seguinte estudo propõe a comparar a visão de identidade nacional de dois autores: Frederick Jackson Turner, historiador norte-americano, e Oliveira Lima, historiador-diplomata brasileiro. Trata-se de comparação que transcende as ideias específicas dos dois autores a fim de estabelecer uma conexão – e um contraste – entre os dois grandes países continentais das Américas: os Estados Unidos e o Brasil.

As duas nações possuem dimensões e riquezas similares, além de padrões de imigração parecidos e a tortuosa experiência da escravidão. Ambas foram colonizadas por europeus na costa do Oceano Atlântico e estenderam-se continente adentro pela ação de movimentos de povoamento e conquista. O domínio do território foi caracterizado por fortes embates, não só com a natureza virgem desbravada, mas também, com a população indígena nativa da região.

A questão da conquista territorial é uma das chaves na análise das obras de Jackson Turner e Oliveira Lima. A preocupação central é a seguinte: como construir um sentimento de nacionalidade em territórios tão extensos, gigantescos, povoados por imigrantes de diversas partes do mundo? Em outras palavras, como dar um sentido de identidade a nações novas, tão distantes das referências culturais e institucionais que constituem a civilização europeia?

A resposta elaborada pelos dois historiadores diverge em múltiplos aspectos. Não obstante, o ponto de partida para seus questionamentos é o mesmo: ambos realizaram suas obras na virada do século XIX para o século XX, momento de profundas transformações e importantes definições para o destino de suas respectivas sociedades.

Em momentos históricos marcados por tensões e forças de desintegração, Jackson Turner e Oliveira Lima vão se preocupar com a união nacional. Em meio a rachaduras sociais e econômicas ameaçadoras, irão buscar um princípio unificador, um elo comum que possa atrair a comunidade maior ao redor de um símbolo, uma ideia, em suma, um sentimento de pertença.

A principal motivação de suas obras é a noção de identidade nacional, que aqui será analisada fazendo-se uso do conceito de “comunidade imaginada”. Este último é pensado a partir dos trabalhos de Benedict Anderson¹, e bem se aplica às propostas dos dois historiadores do século XIX. Ambos vão se guiar pela História como *magistra vitae*. Buscando no passado orientações para a conduta futura, irão utilizar símbolos, mitos, alegorias, figuras heroicas, arte e literatura. Em suma, todos os elementos do imaginário que possam estabelecer elos para consolidar o sentimento de identidade nacional em construção.

Na “comunidade imaginada”, nos diz Anderson, os indivíduos não conhecem todos aqueles que integram o grupo mais extenso. Os membros da sociedade se sentem unidos por experiências, símbolos, referências comuns, mesmo sem ter contato direto uns com os outros. É um sentimento de comunhão privilegiando a imaginação em vez da interação pessoal.

Jackson Turner vai buscar a sua “comunidade imaginada” no passado americano dos pioneiros, na conquista do território americano de costa a costa e na marcha de leste a oeste. Sua tese trata da experiência da Fronteira americana, isto é, do limite entre território ocupado e natureza selvagem. À medida que o pioneiro avança na conquista da terra, a Fronteira também se move para frente. Quando a fronteira territorial se fecha – no momento em que o povoamento do continente se completa –, a nova Fronteira passa para o plano da imaginação, no sentido em que as experiências e os atributos do pioneiro passam a servir de modelos de conduta futura, onde quer que esteja.

Assim como a conquista da natureza foi caracterizada pelo desafio, pela busca, pela promessa, pelo movimento contraste, a conquista de outros territórios – políticos, econômicos ou culturais – será propulsionada pela ideia de Fronteira. O *frontierman*, pioneiro, irá se transformar no símbolo universal do ser americano em todas as esferas da atividade humana.

Para Turner, a construção da nacionalidade é feita pela base da sociedade. É a experiência de homens livres e comuns – desvinculados de qualquer instituição ou poder maior – na sua interação com a natureza, que irá formar a “comunidade imaginada” americana. Este novo tipo humano – que transforma e é transformado pela natureza – criará determinadas características que irão influenciar, *a posteriori*, a formação das instituições nacionais.

É uma ideia baseada no sincretismo com o meio ambiente natural e na ruptura com os traços e instituições da Europa. Turner busca “originalidade” na sua tese, criando o tipo “exclusivamente americano”, produto inédito de solo novo. É uma visão insular, que olha para o “sertão” como inspiração da nacionalidade. É um olhar de baixo para cima, centrado na terra, longe do céu e do mar.

Trata-se de um contraste profundo com a proposta de Oliveira Lima para o Brasil. O historiador brasileiro apresenta uma visão panorâmica ultramarina associada à sua ideia de identidade nacional

brasileira. O Brasil é analisado no contexto internacional, em perspectiva comparada, em relação às grandes potências imperiais da época e ao resto da América Latina. O fato mais importante é a ligação das duas costas Atlântico, a brasileira e a europeia.

Para Oliveira Lima, o essencial na construção da nacionalidade brasileira é a continuidade das instituições e das ideias advindas da Europa. Por esse motivo, a sua proposta de identidade nacional se baseia na Monarquia, como formadora de uma “comunidade imaginada”. O Estado-Monarquia, portador de toda civilização e grandeza europeias, terá a missão de integrar o Brasil selvagem e desconhecido ao “mundo civilizado”. Implantará em solo nativo uma extensa matriz de novas instituições artísticas, culturais, científicas e econômicas. Serão instituições nacionais e servirão de veículo para que o Brasil possa ser entendido, estudado, pensado e sentido.

O Estado-Monarquia terá, sobretudo, um papel centralizador: unirá um território retalhado por lealdades regionais em torno do “símbolo unificador” da Casa Imperial e manterá a integridade territorial brasileira em face de forças separatistas de movimentos regionalistas. Contrariamente a visão de Turner, Oliveira Lima se posiciona de cima para baixo, considerado a construção da nacionalidade a partir do topo, ou seja, desta é igualmente uma visão sincrética, no sentido em que há uma fusão entre os elementos que compõem a civilização europeia e os elementos nativos. A Monarquia civilizadora não criará uma réplica da Europa no Brasil, mas, tornará possível ao Brasil o autoentendimento como Nação provida de identidade própria, através das instituições europeias. Deste modo, as artes e a ciência serão essenciais na repressão e no estudo da Nação brasileira.

Como afirma Oliveira Lima, anteriormente à vinda da Monarquia o “Brasil havia sido percorrido, mas não estudado” – e aí está o marco divisor com Jackson Turner. Se, de um lado, o historiador americano acredita que a “comunidade imaginada” se forma através da experiência do que é *percorrido*, de outro, o historiador brasileiro crê que isto se processa pelo que é *pensado e analisado* através do intelecto humano. Para um, o importante é a ação física; para outro, a reflexão.

Neste sentido, as diferentes propostas dos historiadores refletem suas origens culturais bem como suas experiências de vida. Turner era um “sertanejo” de classe média, nascido e criado no interior dos Estados Unidos, formado por instituições públicas. Era também um inovador, pois sua obra introduz, pela primeira vez na historiografia americana, a ideia do interior (*hinterland*), da conquista do espaço continental americano, como explicado para o desenvolvimento de sua Nação. Pouco escreveu, mas sua obra causou enorme impacto na vida intelectual americana.

Oliveira Lima, por sua vez, era um cosmopolita, filho de rico comerciante português e mãe fidalga da antiga aristocracia açucareira de Pernambuco. Praticamente, toda sua formação educacional foi feita na Europa. Ingressou na carreira diplomática, servindo o Brasil nos Estados Unidos, Inglaterra e Japão, entre outros países. Foi um escritor prolixo, deixando uma obra riquíssima e abrangente, sendo ainda pouco conhecido no Brasil em relação a outros pensadores como Euclides da Cunha e Gilberto Freyre (que foi seu amigo). Também foi inovador, pois, escreveu em perspectiva comparada, algo inédito na sua época.

Apenas dois anos separam as datas de nascimento de Jackson Turner e Oliveira Lima. Nascido em 1861, no Estado de Wisconsin, interior dos Estados Unidos, Jackson Turner vem ao mundo num momento definitivo na história americana: a Guerra Civil. O período formativo do historiador se dá durante a Reconstrução. A união nacional americana está sacramentada. A época será marcada por uma explosão de crescimento populacional e econômico e por profundas transformações sociais.

A conquista territorial de costa a costa é completada. A sociedade rural se transforma na sociedade urbana. A economia descentralizada, composta por pequenos comerciantes e fazendeiros, é substituída por grandes conglomerados industriais chefiados por capitães de indústria, numa concentração de poder econômico sem precedentes. A manufatura leve cede espaço à indústria pesada, baseada em capital intensivo com mão de obra especializada. As comunidades rurais são invadidas por ferrovias. Pequenos comerciantes são engolidos pelas novas grandes indústrias. O momento é de medo, instabilidade e incerteza.

Em 1863, no Estado de Pernambuco, nasce Manoel de Oliveira Lima. Seu período formativo também é marcado pela guerra e pelo fim de uma era. São as últimas décadas do Império e o Brasil se engaja na Guerra do Paraguai. As fronteiras do território brasileiro, já definidas em sua maioria, se fecham no Sul ao fim da guerra. A elite militar se consolida e ganha novos poderes e prestígio. Dará impulso ao movimento que irá derrubar a Monarquia e proclamar uma República no Brasil, em 1890.

A revolução republicana praticamente coincide com a abolição da escravatura, efetuada dois anos antes, que libera uma massa de escravos sem educação, vistos como incapacitados para se integrar à sociedade. Os primeiros instantes da nova República são marcados pelo autoritarismo dos militares que a lideram e, logo a seguir, pela consolidação de uma política que favorece a descentralização e o fortalecimento de lealdades regionais: inicia-se a era da política dos governos dos Estados e a modernização atrelada à agroindústria de exportação. Trata-se, também, de uma época de incertezas e instabilidade social.

Eis o grande desafio desses dois destacados autores: procurar no passado um princípio unificador – um símbolo – que pudesse servir de referência no apaziguamento dos ânimos e dar sentido à existência tumultuada de seus respectivos povos. Apesar dos oceanos e continentes que os separam (físicos e culturais), Jackson Turner e Oliveira Lima estão unidos em sua preocupação central. Chegam a respostas similares por caminhos divergentes: a união se faz menos pelo território ou pela força e mais pela imaginação.